

Planejamento e Análise de Experimentos (EEE933)

Estudo de Caso 1

Pedro Vinícius, Samara Silva e Savio Vieira

10 de Agosto de 2020

Introdução

Uma versão atual de um software conhecido apresenta uma distribuição dos custos de execução com média populacional $\mu_c = 50$ e variância populacional $\sigma_c^2 = 100$. Posteriormente, uma nova versão do software é desenvolvida, no qual deseja-se investigar prováveis melhorias de desempenho. Com esse intuito, duas análises estatísticas são propostas: (i) uma sobre o custo médio e (ii) uma sobre a variância do custo.

Para ambos os casos, as hipóteses nulas foram definidas de maneira conservadora, partindo-se do pressuposto de que os parâmetros populacionais conhecidos foram mantidos na nova versão. A partir disso, diversas etapas foram conduzidas até a conclusão dos experimentos, entre elas a coleta de dados da distribuição dos custos do software novo, a análise exploratória dessa amostra, a inferência por meio dos testes estatísticos, a validação das premissas consideradas e as conclusões. As próximas seções contêm o detalhamento técnico de cada uma dessas etapas.

Parte 1: Teste Sobre o Custo Médio

Planejamento dos Experimentos

No que se refere a primeira parte do estudo de caso, o teste terá que dispor de um nível de significância $\alpha = 0,01$, um tamanho de efeito de mínima relevância $\delta^* = 4$ e uma potência desejada $\pi = 1 - \beta = 0,8$. As hipóteses estatísticas foram definidas com o intuito de responder às questões propostas abaixo:

- Há alguma diferença entre o custo médio da versão nova do software e o custo médio da versão corrente?
- Caso haja, qual a melhor versão em termos de custo médio?

Em concordância com a proposta de comparação de custo médio entre as versões, as hipóteses de teste podem ser formuladas sobre o parâmetro média:

$$\begin{cases} H_0 : \mu_n = 50 \\ H_1 : \mu_n < 50 \end{cases}$$

onde a hipótese nula implica na igualdade entre os custos médios das versões e a hipótese alternativa unilateral na superioridade da nova versão em termos de custo médio.

A fase subsequente desse experimento consiste em gerar uma amostra representativa do desempenho da nova versão do software. Para tal fim, é necessário especificar o tamanho dessa amostra, considerando as propriedades preestabelecidas do teste. A priori, o Poder do Teste é bastante conveniente, porém implica em um grande dilema. O cálculo do tamanho amostral requer uma estimativa da variância, que só é obtida através das observações contidas na amostra. As possibilidades mais práticas de se conduzir o experimento nesse caso são [2]:

1. Utilização de conhecimento do problema para se obter uma estimativa (inicial) da variância;
2. Condução do estudo com um tamanho amostral predefinido, como $N = 30$;
3. Realização de um estudo piloto para estimar a variância dos dados a partir do tamanho de efeito de mínima relevância δ^* .

Considerando as vantagens e desvantagens de cada uma, optou-se por utilizar a primeira abordagem. Por mais que essa estimativa seja sobre-estimada e que os prováveis ganhos possam não ser observados ao término do estudo, uma vez que se espera ganhos de variância da nova versão do software em relação à versão atual, pode-se considerar igualdade de variâncias como uma estimativa inicial, ou seja, $\sigma_n^2 \approx \sigma_c^2 = 100$. Entretanto, essa premissa será avaliada posteriormente na análise exploratória dos dados e na discussão sobre a potência alcançada.

Diante da estimativa inicial da variância amostral, o Poder do Teste pode ser finalmente realizado. Esse teste é originalmente usado para mensurar o controle do teste de hipóteses sobre o erro do tipo II (β), isto é, $P(\text{rejeitar } H_0 | H_0 \text{ é falso})$. No entanto, tal teste também pode ser utilizado para estimar outros parâmetros amostrais, como tamanho de efeito δ^* , nível de significância α , tamanho da amostra N , potência π e desvio padrão amostral σ_n [13]. No presente estudo, ele é utilizado para estimar o tamanho amostral N .

```
# Poder do Teste para estimar o tamanho amostral
(params <- power.t.test(delta = 4,
  sd = 10,
  sig.level = 0.01,
  power = 0.8,
  type = "one.sample",
  alternative = "one.sided"))
```

```
##
##      One-sample t test power calculation
##
##              n = 65.45847
##              delta = 4
##              sd = 10
##              sig.level = 0.01
##              power = 0.8
##              alternative = one.sided
```

```
N <- ceiling(params$n)
```

Assim, tem-se uma estimativa de $N = 66$ observações com o arredondamento superior.

Coleta dos Dados

O custo de execução do software novo é modelado por um algoritmo de Evolução Diferencial que faz uso de recombinação binomial, mutação aleatória e seleção elitista padrão para a minimização do *Shifted Sphere Problem*. Dessa forma, como cada observação é obtida por meio do módulo ExpDE em linguagem R [1], foram necessárias N execuções para construção da amostra. Os dados coletados foram salvos em um arquivo .csv com uma semente definida empiricamente `seed = 1007`. Uma vez que a amostra está fixa, as análises estatísticas da média e da variância poderão ser efetuadas sobre os mesmos dados.

```
data_generation <- function(n){

  mre <- list(name = "recombination_bin", cr = 0.9)
  mmu <- list(name = "mutation_rand", f = 2)
  mpo <- 100
  mse <- list(name = "selection_standard")
  mst <- list(names = "stop_maxeval", maxevals = 10000)
  mpr <- list(name = "sphere", xmin = -seq(1, 20), xmax = 20 + 5 * seq(5, 24))

  sample <- c()
  # Geração de N observações
```

```

for (i in 1:n){
  observation <- ExpDE(mpo, mmu, mre, mse, mst, mpr,
    showpars = list(show.iters = "none"))$Fbest
  sample <- c(sample, observation)
}
return(sample)
}

```

Análise Exploratória de Dados

Algumas primeiras propriedades da amostra, como média, mediana, valores extremos e variância, podem ser obtidas de imediato.

```

data.frame('Variância' = var(sample), 'Média' = mean(sample), 'Moda' = getmode(sample),
  'Mediana' = median(sample), 'Mínimo' = min(sample),
  'Máximo' = max(sample), 'Desvio' = sd(sample))

```

```

## Variância Média Moda Mediana Mínimo Máximo Desvio
## 1 36.6344 49.63844 48.79741 48.92703 38.76112 67.21031 6.052636

```

É importante ressaltar que a variância é significativamente menor que a considerada no cálculo do tamanho amostral N , assim, caso as premissas consideradas sejam válidas, a potência do teste será superior a desejada ($\pi > 0,8$).

Entretanto, a fim de compreender melhor os dados em estudo, algumas representações gráficas da amostra coletada serão investigadas. Inicialmente, faz-se o uso do histograma, que representa a distribuição de frequências das observações. O histograma é uma boa ferramenta de análise visual do comportamento de variáveis contínuas em geral, auxiliando no processo de visualização de características, como a média da amostra e a variação da distribuição em torno da mesma. Para a amostra em questão, o histograma mostra uma distribuição levemente inclinada à direita, que corrobora que a média é maior do que a moda, bem como sugere a presença de outliers com custos maiores que 60 (Figura 1).

```

histogram <- ggplot(data = as.data.frame(sample), mapping = aes(x = sample))
histogram + geom_histogram(lwd = 0.3, bins = 20, color = 'black', fill = 'gray') +
  scale_x_continuous(name = 'Custo de Execução') +
  scale_y_continuous(name = 'Frequência')

```

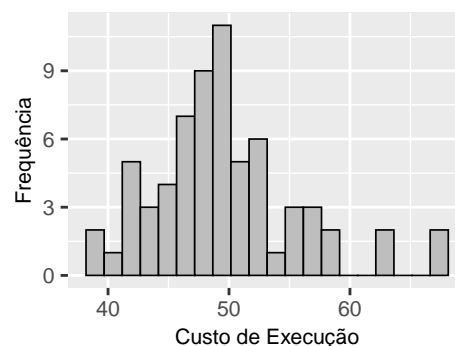


Figura 1: Histograma.

Posteriormente, o boxplot, também conhecido como gráfico de caixa, é considerado. Além de descrever simultaneamente várias propriedades importantes de um conjunto de dados, como centro, dispersão e desvio

de simetria, ele também possibilita a identificação de valores atípicos [10]. Para a amostra em questão, foi possível reforçar a presença das observações em torno da mediana levemente inferior a 50 (segundo quartil). Outro aspecto importante é a presença de uma assimetria positiva na distribuição, uma vez que a mediana está mais próxima do primeiro do que do terceiro quartil. A diferença nos comprimentos das linhas que saem da caixa pressupõe novamente a cauda acentuada à direita (Figura 2).

```
boxplot <- ggplot(data = as.data.frame(sample), mapping = aes(y = sample))
boxplot + geom_boxplot(lwd = 0.3) + scale_x_continuous(name = '') +
  scale_y_continuous(name = 'Custo de Execução') +
  theme(axis.text.x = element_blank())
```

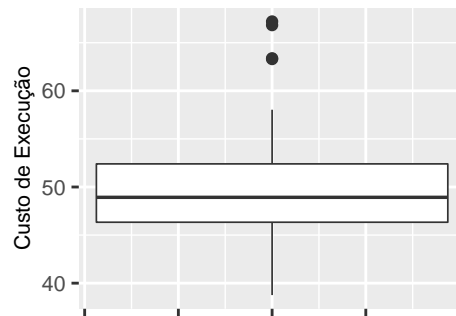


Figura 2: Boxplot.

Por fim, um gráfico bastante utilizado em estatística é o quantil-quantil (*QQ-Plot*), cujo objetivo é verificar a adequação da distribuição de frequência dos dados à uma distribuição de probabilidades de interesse. Caso os dados tenham distribuições idênticas, uma linha reta com inclinação unitária é traçada. A densidade com que os pontos são representados indicam a frequência de ocorrência dos mesmos [8]. No presente trabalho, o gráfico Q-Q foi utilizado para comparar a distribuição dos custos de execução da nova versão do software com uma distribuição normal. Ao gerá-lo, é evidente que os dados não seguem um padrão linear e, portanto, não provém de uma distribuição normal (Figura 3).

```
qqplot <- ggplot(data = as.data.frame(sample), mapping = aes(sample = sample))
qqplot + geom_qq_line() + geom_qq() + scale_y_continuous(name = 'Quantis da Amostra') +
  scale_x_continuous(name = 'Quantis Teóricos Normais')
```

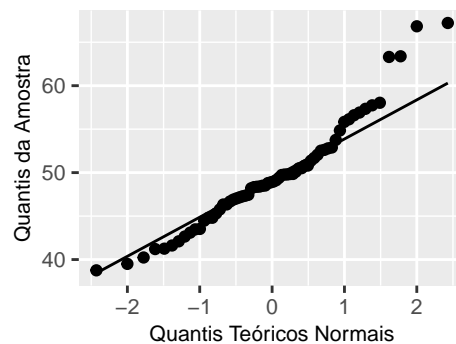


Figura 3: QQ-Plot.

Validação de Premissas

Devido à presumível falta de normalidade dos dados, o teste de Shapiro-Wilk foi feito para confirmação. A hipótese nula H_0 desse teste assume que a amostra veio de uma população com distribuição normal e para isso o parâmetro W é calculado e comparado com um valor de referência. Caso a resultante de W seja inferior ao valor tabelado, rejeita-se a hipótese de normalidade a um nível de significância α [9]. A aplicação do teste gerou como resultado $W = 0,94772$ e o valor de $p = 0,00755$, que confirmam a não normalidade dos dados ($p < 0,05$).

```
(shapiro_test <- shapiro.test(x = sort(sample)))
```

```
##  
## Shapiro-Wilk normality test  
##  
## data:  sort(sample)  
## W = 0.94772, p-value = 0.007555
```

Apesar disso, como o número de observações é suficientemente grande ($N = 66 \gg 30$), o Teorema do Limite Central (TLC) pôde ser evocado para estimação da distribuição amostral das médias. Já a premissa de independência foi assumida no processo de coleta dos dados. Caso uma amostra do software atual estivesse disponível, o teste de Durbin-Watson também caberia para avaliar uma possível autocorrelação nos resíduos.

Análise Estatística

A partir disso, pode-se realizar o Teste t de Student sem que suas premissas sejam violadas.

```
(t_test <- t.test(x = sample,  
                 mu = 50,  
                 alternative = "less",  
                 conf.level = 0.99))
```

```
##  
## One Sample t-test  
##  
## data:  sample  
## t = -0.4853, df = 65, p-value = 0.3145  
## alternative hypothesis: true mean is less than 50  
## 99 percent confidence interval:  
##      -Inf 51.4154  
## sample estimates:  
## mean of x  
##  49.63844
```

```
cat('Intervalo de confiança:', t_test$conf.int[1:2])
```

```
## Intervalo de confiança: -Inf 51.4154
```

Como o valor p encontrado é maior que o nível de significância estabelecido ($0,3145 > 0,05$), conclui-se que a hipótese nula H_0 não pode ser rejeitada a um nível de confiança de 99%. No contexto do problema estudado e para as configurações de teste definidas, uma falha ao rejeitar a hipótese nula significa que não há evidências de que os desempenhos médios das duas versões do software sejam distintos e, portanto, trata-se de uma conclusão fraca. Além disso, dado que a hipótese alternativa H_1 é unilateral, tem-se um intervalo de confiança aberto à esquerda $[-\infty, 51,4154]$.

Potência do Teste

Conforme relatado anteriormente, como a estimativa da variância amostral foi substancialmente superior à variância calculada sobre os dados, é bem provável que a potência do teste seja superior aos 80% utilizados para o cálculo do tamanho amostral N . Dessa forma, uma estimativa da potência para detecção de diferenças maiores ou iguais ao tamanho de efeito δ^* pode ser obtida pelo Poder do Teste, utilizando o desvio padrão amostral $\sigma = 6,0526$, o tamanho amostral $N = 66$ e conservando as demais propriedades.

```
(params <- power.t.test(delta = 4,
  sd = sqrt(var(sample)),
  sig.level = 0.01,
  n = 66,
  type = "one.sample",
  alternative = "one.sided"))
```

```
##
##      One-sample t test power calculation
##
##              n = 66
##            delta = 4
##            sd = 6.052636
##          sig.level = 0.01
##            power = 0.9982989
##      alternative = one.sided
```

```
cat('Potência obtida:', params$power)
```

```
## Potência obtida: 0.9982989
```

Em concordância com o que se esperava, a potência obtida $\pi = 0,9982$ é superior à desejada.

Outra perspectiva para esse caso é que, consequentemente, o número de observações na amostra foi sobre-estimado. Assim, uma estimativa para N capaz de garantir exatamente a potência desejada $\pi = 0,8$ pode ser obtida pelo Poder de Teste ao utilizar o desvio padrão amostral em conjunto com os demais parâmetros.

```
(params <- power.t.test(delta = 4,
  sd = sqrt(var(sample)),
  sig.level = 0.01,
  power = 0.8,
  type = "one.sample",
  alternative = "one.sided"))
```

```
##
##      One-sample t test power calculation
##
##              n = 25.752
##            delta = 4
##            sd = 6.052636
##          sig.level = 0.01
##            power = 0.8
##      alternative = one.sided
```

```
cat('Tamanho amostral:', ceiling(params$n))
```

```
## Tamanho amostral: 26
```

Ou seja, o tamanho amostral necessário para o experimento é de apenas 26 observações, 40 observações a menos do que foi utilizado na estimativa inicial.

Parte 2: Teste Sobre a Variância do Custo

Planejamento dos Experimentos

Em relação à segunda parte deste experimento, as hipóteses estatísticas foram definidas com o intuito de responder às questões propostas abaixo:

- Há alguma diferença entre a variância do custo de execução da versão nova do software e a variância do custo de execução da versão corrente?
- Caso haja, qual a melhor versão em termos de variância do custo?

$$\begin{cases} H_0 : \sigma_n^2 = 100 \\ H_1 : \sigma_n^2 < 100 \end{cases}$$

onde a hipótese nula H_0 representa a equivalência das variâncias entre as duas versões e a hipótese alternativa H_1 a redução da variância do custo do software nessa nova versão em análise.

Tentativas Iniciais

Existem vários testes estatísticos para comparação de variância, como o teste F, o teste de Bonett, o teste Chi-quadrado, o teste de Levene, dentre outros. Todavia, além das particularidades de cada um deles, os três primeiros são indicados para distribuições normais. Além disso, tendo em vista que o TLC não é aplicável para o estimador amostral da variância, uma das opções recomendadas é o uso de um teste não-paramétrico, como o teste de Levene.

O Teste de Levene tem como hipótese nula a proposição de que os grupos que estão sendo comparados têm variâncias iguais, enquanto que a hipótese alternativa é que pelo menos um par desses grupos não possui igualdade de variância. Entretanto, essa categorização não comporta a situação em questão, visto que o intuito é a comparação da amostra da versão nova com o valor de referência da versão atual. Nesse âmbito, um teste não-paramétrico apropriado deve receber somente uma amostra para compará-la com uma variância populacional conhecida, o que, portanto, descarta o teste de Levene para o problema em questão.

Em virtude disso, bem como da escassez de métodos não-paramétricos compatíveis aos dados, outras abordagens foram investigadas. A primeira delas trata-se de uma transformação nos dados com o intuito de torná-los normais. As transformações monotônicas não-lineares \log_{10} e quadrática mudam a distância entre os valores na distribuição e, portanto, a forma da distribuição [14]. A primeira calcula o logaritmo na base 10 de um grupo de números contidos na calda à direita da distribuição para reduzir a inclinação positiva, enquanto a segunda toma a raiz quadrada de grandes valores, levando os valores altos para mais próximo do centro. Contudo, as tentativas de transformações não asseguraram normalidade aos dados.

Solução Proposta

Por fim, a possibilidade encontrada para testar as hipóteses de teste foi a reamostragem dos dados. Essa técnica consiste em descartar a distribuição amostral assumida de uma estatística e calcular uma distribuição empírica à sua real distribuição. Assim, uma vez que essa distribuição é estimada, testes estatísticos podem ser realizados, intervalos de confiança podem ser construídos e hipóteses podem ser testadas sem que seja necessário validar premissas inerentes à distribuição [12].

Dentre os métodos da literatura mais comuns estão *Jackknife* e *Bootstrap* [6]. Ambas as técnicas são bastante utilizadas para avaliar a variância de um estimador a partir da sua distribuição empírica. No entanto,

o *Jackknife* é mais conservador e, conseqüentemente, produz erros padrões maiores [5]. Em vista disso, optou-se pelo uso da técnica de *Bootstrap* do tipo não-paramétrico para estimar a distribuição da variância amostral do software novo, cuja região coberta pelo intervalo de confiança permitirá testar a hipótese de interesse ao nível de significância previamente definido em $\alpha = 0,05$.

A partir do módulo `boot` em linguagem R [3], que contempla funções e conjuntos de dados para reamostragem do livro *Bootstrap Methods and Their Application* [4], foi possível realizar o experimento proposto. Uma estimativa ideal da distribuição empírica por reamostragem *Bootstrap* leva o número de replicações ao infinito e, em regras gerais, utiliza-se um número relativamente grande ($R > 1.000$) [7]. Como o processo do presente estudo não demanda muito esforço computacional, o número de replicações para estimar a distribuição amostral da função estatística variância foi definido em $R = 10.000$, de forma a minimizar o erro de amortecimento intrínseco ao *Bootstrap* devido à reamostragem finita. Por fim, é possível encontrar o intervalo de confiança correspondente à distribuição estimada. A função `boot.ci` permite gerar cinco tipos diferentes de intervalo de confiança não-paramétricos e bilaterais: (i) *basic*, (ii) *studentized*, (iii) *percentile*, (iv) *adjusted percentile* (BCa) e (v) *first order normal approximation* [3].

A priori, o tipo de intervalo definido foi o BCa, uma vez que ele é um intervalo mais preciso (segunda ordem) e permite ajustar distorções na distribuição, como viés e assimetria. Se a distribuição empírica foi distorcida positivamente, o intervalo de confiança é ajustado para a direita. Caso a distribuição seja distorcida negativamente, o intervalo é ajustado para a esquerda [4].

Conforme especificado anteriormente, deseja-se ainda um nível de confiança de 95%, entretanto, a estimativa do intervalo de confiança obtida pelo `boot.ci` é bilateral. Uma potencial alternativa para esse caso é ajustar o nível de confiança para 90%, de tal forma que cada lado do intervalo tenha a probabilidade de erro do tipo I desejada $\alpha = 0,05$ [10].

Supondo novamente que os dados são independentes e identicamente distribuídos em razão do seu processo de coleta e que a reamostragem já foi calculada com R suficientemente grande, é possível estimar o intervalo de confiança para o estimador variância amostral. A reprodutibilidade do experimento é possível a partir da semente aleatória fixa em `seed = 1007`.

```
# Função estatística
statistic_function <- function(x, i){
  variance <- var(x[i])
  return(variance)
}

# Semente aleatória
set.seed(1007)

# Bootstrap com 10000 replicações
resampling <- boot(data = sample, statistic = statistic_function, R = 10000)

# Intervalo de confiança não-paramétrico
boot.ci(boot.out = resampling, conf = 0.90, type = 'bca')

## BOOTSTRAP CONFIDENCE INTERVAL CALCULATIONS
## Based on 10000 bootstrap replicates
##
## CALL :
## boot.ci(boot.out = resampling, conf = 0.9, type = "bca")
##
## Intervals :
## Level      BCa
## 90%      (26.21, 53.07 )
## Calculations and Intervals on Original Scale
```

É possível afirmar, ao nível de confiança de 95%, que a variância da nova versão do software é substancialmente inferior à variância da versão atual ($53,07 \ll 100$). Com o intuito de corroborar a ausência de

influência do tipo de intervalo de confiança definido previamente no resultado, o teste foi feito para os demais tipos e pode-se concluir que em todos os casos há evidências estatísticas de que a versão nova é melhor que a versão atual em termos da variância do custo de execução.

Questão Bônus

Os limites de tolerância fornecem os valores entre os quais uma específica proporção populacional amostral pode ser encontrada dentro de um determinado nível de confiança [11]. Diante disso, o objetivo deste experimento é obter o intervalo de tolerância que contenha 90% dos custos de execução do software, com um nível de confiança de 95%. Para tal fim, foi utilizado um método não-paramétrico, visto que não foi possível assumir que a amostra é normalmente distribuída. O método utilizado assume como premissa que os dados são contínuos. Tendo isso em vista, foi usado a função `nptol.int` do pacote `tolerance` em R [15], que calcula os limites de tolerância de regressão não-paramétrica. Através dele foi utilizado o método de Wilks para gerar o intervalo de tolerância simétrico ao centro dos dados, utilizando para isso uma distribuição beta [11].

```
# Questão Bônus
```

```
out <- nptol.int(sort(sample), alpha = 0.05, P = 0.90, side = 2, method = "WILKS",  
                upper = NULL, lower = NULL)  
show(out)
```

```
##   alpha   P 2-sided.lower 2-sided.upper  
## 1  0.05 0.9      38.76112      67.21031
```

Sendo assim, pode-se afirmar com 95% de confiança de que 90% dos dados estão contidos entre 38,76112 e 67,21031. As representações gráficas permitem uma melhor visualização do intervalo.

```
par(cex.main = 0.8, cex.lab = 0.7, mfrow = c(1,2))  
# Histograma  
plottol(out, sort(sample), plot.type = "control", side = "two", x.lab = "Custo de Execução")  
# Controle de Regressão  
plottol(out, sort(sample), plot.type = "hist", side = "two", x.lab = "Custo de Execução")
```

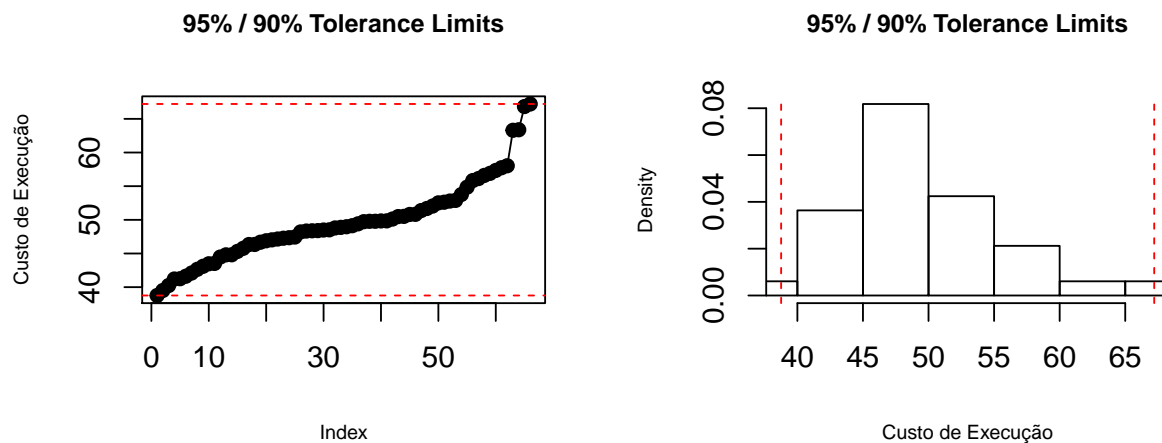


Figura 4: Intervalo de tolerância.

Conclusões

Com o objetivo de investigar sobre a possível melhora de desempenho de um software a partir de sua nova versão, comparando-a com a versão atual, foram utilizados conceitos e ferramentas estatísticas para inferir sobre o custo médio de execução e sobre a variância no custo de execução.

Sobre o custo médio de execução, conclui-se que por não ter sido rejeitada a hipótese nula de que o custo médio de execução é igual a 50, neste caso, não pode-se inferir sobre a melhoria da nova versão sobre a versão atual. Vale lembrar que não rejeitar a hipótese nula não significa que ela é verdadeira, e sim que pelos testes realizados, com 99% de confiança, não foi possível refutá-la. Porém, sobre a variância do custo da execução, a hipótese nula de que a variância é igual a 100 foi rejeitada, neste caso, com os testes realizados, com 95% de confiança, a hipótese alternativa foi aceita. Assim, a partir da análise realizada, conclui-se que, por esse quesito, houve melhoria da nova versão do software com relação a versão atual.

Diante das inferências apresentadas, recomenda-se a utilização da nova versão do software em substituição da versão atual.

Discussão de Melhorias

Alguns testes não puderam ser feitos devido a não-normalidade da amostra obtida. Já outros testes pelo fato de se ter somente uma única amostra. Assim, uma vez que a versão atual é conhecida baseada em uma extensa experiência passada, como relata o enunciado do estudo de caso, sugere-se possibilidade de extrair uma amostra da versão atual do software. De posse desta amostra seria possível efetuar outros testes para calcular os estimadores de interesse, como o teste de Levene, e na tentativa até de se evitar a estimativa por reamostragem, conforme experimentado anteriormente.

Atividades Desempenhadas

As hipóteses de teste para ambos experimentos foram definidas em concordância com os três autores. Em relação à primeira parte do estudo de caso, o cálculo do tamanho amostral e a coleta dos dados foram conduzidas pelo Pedro e discutidas com os demais autores. A análise exploratória teve participação de toda a equipe e a validação das premissas foi realizada pela Samara. Tanto a análise estatística quanto a discussão a posteriori da potência do teste e do tamanho amostral foram feitas pelo Pedro. A segunda parte do estudo caso, por sua vez, teve diversas discussões entre os membros até uma conclusão final. A Samara e o Sávio investigaram testes estatísticos de uma única amostra que não requisitassem a premissa de normalidade. Além disso, a Samara averiguou transformações não-lineares nos dados com o intuito de torná-los normais. Por fim, o Pedro implementou a reamostragem pela técnica *Bootstrap*, bem como analisou as premissas demandadas pelo tipo de intervalo de confiança não-paramétrico definido (BCa). A questão bônus e suas respectivas análises foram elaboradas pelo Sávio e pela Samara. Sávio ainda elaborou as conclusões e discussões de melhorias.

Referências

- [1] Felipe Campelo. Modular Differential Evolution for Experimenting with Operators. <https://www.rdocumentation.org/packages/ExpDE/versions/0.1.2>, 2016. Version 0.1.2.
- [2] Felipe Campelo. Lecture Notes on Design and Analysis of Experiments. <http://git.io/v3Kh8>, 2018. Version 2.12; Creative Commons BY-NC-SA 4.0.
- [3] Angelo Canty. Bootstrap Functions. <https://www.rdocumentation.org/packages/boot/versions/1.3-25>, 2020. Version 1.3-25.
- [4] Anthony Christopher Davison and David Victor Hinkley. *Bootstrap Methods and Their Application*. Number 1. Cambridge University Press, 1997.
- [5] Bradley Efron. *The Jackknife, the Bootstrap and Other Resampling Plans*. SIAM, 1982.
- [6] Bradley Efron. Bootstrap Methods: Another Look at the Jackknife. In *Breakthroughs in statistics*, pages 569–593. Springer, 1992.

- [7] Bradley Efron and Robert J Tibshirani. *An Introduction To The Bootstrap*. CRC press, 1994.
- [8] Ramanathan Gnanadesikan and Martin B Wilk. Probability Plotting Methods for the Analysis of Data. *Biometrika*, 55(1):1–17, 1968.
- [9] Zofia Hanusz, Joanna Tarasinska, and Wojciech Zielinski. Shapiro-Wilk Test with Known Mean. *REVSTAT-Statistical Journal*, 14(1):89–100, 2016.
- [10] Douglas C Montgomery and George C Runger. *Applied Statistics and Probability for Engineers*. John Wiley & Sons, 2010.
- [11] rdrv.io. nonpartolint: Nonparametric Tolerance Intervals. <https://rdrr.io/cran/tolerance/man/nonpartolint.html>, 2020. Acesso em 08 Agosto de 2020.
- [12] Camilo Daleles Rennó. Jackknife, Bootstrap e outros Métodos de Reamostragem. http://www.dpi.inpe.br/referata/arq/_2011/12_Camilo/Renno_2011_resampl.pdf, 2011. Acesso em 05 de Agosto de 2020.
- [13] R Development Core Team. Power Calculations For One And Two Sample T Tests. <https://www.rdocumentation.org/packages/stats/versions/3.6.2/topics/power.t.test>, 2020. Documentation reproduced from package stats, version 3.6.2, License: Part of R 3.6.2.
- [14] Sharon Lawner Weinberg and Sarah Knapp Abramowitz. *Statistics Using SPSS: An Integrative Approach*. Cambridge University Press, 2008.
- [15] Derek S. Young. Nonparametric Regression Tolerance Bounds. <https://www.rdocumentation.org/packages/tolerance/versions/2.0.0/topics/npregtol.int>, 2020. Version 2.0.0.